



O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 2

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)

**Atena**
Editora
Ano 2019

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra

(Organizadora)

O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C749 O conhecimento na competência da teoria e da prática em enfermagem 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-168-8

DOI 10.22533/at.ed.688191203

1. Enfermagem – Estudo e ensino. I. Sombra, Isabelle Cordeiro de Nojosa.

CDD 610.73

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 3 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 23 capítulos, o volume II aborda a Enfermagem no contexto educacional, com enfoque para ensino, pesquisa, capacitação dos profissionais atuantes na área e o processo de educar em saúde para sua promoção.

A estratégia educativa em Enfermagem protagoniza uma mudança de cenário na saúde desde a formação profissional, até a promoção da saúde para os usuários dos serviços. Nesse sentido, os estudos realizados contribuem para seu entendimento quando trabalham as mais diversas temáticas, dentre elas a educação para o autocuidado, educação permanente como ferramenta para melhoria na qualidade da assistência, além do uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem e tecnologias que facilitam a compreensão e o aprendizado. Assim, a educação em Enfermagem é fundamental em todos os campos de sua atuação, seja em sua inserção na assistência hospitalar, na Atenção Básica, ou mesmo na formação e capacitação de profissionais da área.

Portanto, este volume II é dedicado ao público usuário dos serviços de saúde, no tocante ao desenvolvimento de práticas de autocuidado e de promoção da saúde, além de ser de extrema relevância para enfermeiros atuantes na assistência, docentes da área e discentes, trazendo artigos que abordam experiências do ensino e aprendizagem no âmbito da saúde aos mais variados públicos.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer e estimular as práticas educativas pelos profissionais de enfermagem, desde a atuação assistencial propriamente dita, até a prática dos docentes formadores e capacitadores, buscando cada vez mais a excelência no cuidado em enfermagem, e disseminando práticas promotoras da saúde.

Isabelle C. de N. Sombra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO PROPOSTA DE MELHORIA NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Mérlim Fachini Paola Forlin Suzete Marchetto Claus	
DOI 10.22533/at.ed.6881912031	
CAPÍTULO 2	16
A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE CAPACITAÇÃO EM DROGAS PARA ATENÇÃO BÁSICA E COMUNIDADE TERAPÊUTICA	
Raquelli Cistina Neves Araújo Yanna Cristina Moraes Lira Nascimento Maria Cícera dos Santos de Albuquerque Givânia Bezerra de Melo Natália Luzia Fernandes Vaz Thyara Maia Brandão Jorgina Sales Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.6881912032	
CAPÍTULO 3	29
A IDENTIDADE SOCIAL DA ENFERMAGEM E AS INTERFACES COM A DECISÃO PROFISSIONAL DO ACADÊMICO	
Emillia Conceição Gonçalves dos Santos Geilsa Soraia Cavalcanti Valente Claudia Maria Messias Caroline Brelaz Chaves Valois Yasmin Saba de Almeida Ângela do Couto Capetini Joana Maria Silva Firmino Viviani Bento Costa Barros da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6881912033	
CAPÍTULO 4	50
A PESQUISA SOB O SUPORTE DA ERGOLOGIA: REFLEXÕES PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR	
Rosane Teresinha Fontana Francisco Carlos Pinto Rodrigues Jane Conceição Perin Lucca Marcia Betana Cargnin Narciso Vieira Soares Zaléia Prado de Brum	
DOI 10.22533/at.ed.6881912034	
CAPÍTULO 5	61
A SAÚDE NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS: FORTALECENDO AS AÇÕES DE COMBATE AO MOSQUITO <i>Aedes Aegypti</i>	
Helyane Candido Pereira Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho Daniele Castro Aguiar Pimenta Elizabeth Gonçalves Magalhães Filha Cíntia de Lima Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.6881912035	

CAPÍTULO 6	68
AÇÃO EDUCATIVA: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E PREVENÇÃO DO COLO UTERINO COM MULHERES DA ILHA DE COTIJUBA EM BELÉM	
Girlane Alves Pinheiro Elen Fernanda Lima De Moraes Joana D'arc Da Silva Castanho Shirley Aviz De Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.6881912036	
CAPÍTULO 7	74
ALÉM DA TEORIA: FOLDER EDUCATIVO SOBRE SAÚDE DA MULHER E DA CRIANÇA	
Sammya Rodrigues dos Santos Bruno Côte Santana Daniela Faria Lima Lídia Rosa Alves da Silva Pâmela Souza Peres Rayanne Augusta Parente Paula Casandra Genoveva Gonzales Martins Ponce de Leon	
DOI 10.22533/at.ed.6881912037	
CAPÍTULO 8	90
ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: RELATO SOBRE SUA APLICABILIDADE EM ESTUDOS DE ENFERMAGEM	
Andressa da Silveira Neila Santini de Souza Ethel Bastos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6881912038	
CAPÍTULO 9	98
CHECK-LIST DE EXAME FÍSICO: REPERCUSSÕES NO ENSINO APRENDIZADO DA ENFERMAGEM FUNDAMENTAL	
Vinicius Rodrigues de Souza Gisella de Carvalho Queluci Amanda Ribeiro Mendonca Suelem Couto Friar Dias Juliane da Silveira Jasmim Leylane Porto Bittencourt	
DOI 10.22533/at.ed.6881912039	
CAPÍTULO 10	104
EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA PARA O AUTOCUIDADO DE IDOSOS COM DOENÇAS CRÔNICAS	
Camila Medeiros dos Santos Edna Aparecida Barbosa de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.68819120310	
CAPÍTULO 11	120
EDUCAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA PARTICIPATIVA EM SAÚDE	
Zaléia Prado Brum Narciso Vieira Soares Rosane Teresinha Fontana Jane conceição Perim Lucca Sandra Maria Cardoso Melo Francisco Carlos Pinto Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68819120311	

CAPÍTULO 12 129

ENSINO TÉCNICO DE ENFERMAGEM: O USO DO PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA FACILITADORA

Antonio Dean Barbosa Marques
July Grassiely de Oliveira Branco
Rochelle da Costa Cavalcante
Maria Cecilia Cavalcante Barreira
Francisca Bertilia Chaves Costa

DOI 10.22533/at.ed.68819120312

CAPÍTULO 13 140

FALTA DE REGISTRO NO LIVRO DE SINTOMÁTICOS RESPIRATÓRIOS: PLANO DE INTERVENÇÃO

Fabiana Ferreira Koopmans
Gisele de Araújo Peixoto
Donizete Vago Daher
Paula Soares Brandão

DOI 10.22533/at.ed.68819120313

CAPÍTULO 14 154

FASES DO PROJETO CONCEITUAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PROTÓTIPO

Katia Cilene Ayako Inomata
Mildred Patrícia Ferreira da Costa
Silvia Cristina Furbringer e Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120314

CAPÍTULO 15 161

FORMAÇÃO DE GRUPO DE PESQUISA SOBRE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fernanda Sant'Ana Tristão
Vania Greice da Paz Schultz
Natieli Cavalheiro Viero

DOI 10.22533/at.ed.68819120315

CAPÍTULO 16 167

NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA ENTRE ESTUDANTES DO NÍVEL TÉCNICO DE ENFERMAGEM E ENFERMEIROS

Alan Jonathas Da Costa
Silvia Emanoella Silva Martins De Souza
Jônatas De França Barros
André Ribeiro Da Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120316

CAPÍTULO 17 181

O CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE A DOENÇA CORONARIANA

Bruna da Silva Oliveira
Marli Villela Mamede
Líscia Divana Carvalho Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120317

CAPÍTULO 18 194

PRÁTICA DO DOCENTE DE ENFERMAGEM EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: EVIDÊNCIAS DA SAÚDE MENTAL

Claúdia Maria Messias

Geisa Soraia Cavalcante Valente
Elaine Antunes Cortez
Patricia Veras Neves De Oliveira
Emília Conceição Gonçalves Dos Santos
Fabiola Chaves Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.68819120318

CAPÍTULO 19 203

REFLETINDO SOBRE O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Jane Conceição Perin Lucca
Zaléia Prado de Brum
Rosane Teresinha Fontana
Márcia Betana Cargnin
Kelly Cristina Sangói
Alessandra Frizzo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120319

CAPÍTULO 20 213

SABERES E PRÁTICAS DE IDOSOS COM DIABETES *MELLITUS*

Adriana Lira Rufino de Lucena
Alinne Cassemiro Inácio
Suellen Duarte de Oliveira Matos
Iraktânia Vitorino Diniz
Maria Júlia Guimarães Soares Oliveira
Simone Helena dos Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.68819120320

CAPÍTULO 21 222

SITUAÇÃO PROBLEMA NO EXAME FÍSICO EM CLIENTES HEMATOLÓGICOS: UMA VISÃO DO ENFERMEIRO

Vinicius Rodrigues de Souza
Gisella de Carvalho Queluci
Amanda Ribeiro Mendonca
Suelem Couto Friar Dias
Juliane da Silveira Jasmim
Leylane Porto Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.68819120321

CAPÍTULO 22 229

VER-SUS: UMA EXPERIÊNCIA EXCEPCIONAL PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA REALIDADE DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Berthiéli Aparecida Menegat
Carlice Maria Scherer

DOI 10.22533/at.ed.68819120322

CAPÍTULO 23 236

VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE. PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Caroline Moura Da Silva
Karla Samara Da Silva Santos
Alexia Aline Da Silva Moraes
Marizete Alves Da Silva De Amorim Barreto
Jenifen Miranda Vilas Boas

DOI 10.22533/at.ed.68819120323

A PESQUISA SOB O SUPORTE DA ERGOLOGIA: REFLEXÕES PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR

Rosane Teresinha Fontana

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo/RS –
correspondência: rfontana@san.uri.br

Francisco Carlos Pinto Rodrigues

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo/RS.

Jane Conceição Perin Lucca

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo/RS .

Marcia Betana Cargnin

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo/RS.

Narciso Vieira Soares

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo/RS.

Zaléia Prado de Brum

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo/RS.

RESUMO: A ergologia é uma abordagem que tem a finalidade de compreender e transformar o trabalho, implicando-se com a subjetividade e as singularidades dos trabalhadores. Entrevê a saúde física e psíquica. Trata-se de uma revisão narrativa que tem como objetivo refletir sobre a ergologia como proposta epistemológica para investigações em saúde do trabalhador. Busca pensar sobre as relações entre o cuidado de usuários e os cuidadores, com

foco na saúde ocupacional sob a perspectiva de quem exerce a atividade. É um movimento que implica na desconstrução de um modelo de trabalho que divide classes e desconsidera o protagonismo do trabalhador. O uso dos pressupostos da ergologia em pesquisas que pretendem transformar a ambiência do trabalho, humanizando-o pode ser uma possibilidade dos trabalhadores à cogestão do seu fazer.

PALAVRAS-CHAVE: Engenharia Humana, Ambiente de Trabalho, Pesquisa

ABSTRACT: The ergology is an approach that has the purpose of understanding and transforming work, involving itself with the subjectivity and the singularities of the workers. Interview physical and mental health. This is a narrative review that aims to reflect on ergology as an epistemological proposal for investigations on worker's health. It seeks to think about the relationships between care of users and caregivers, focusing on occupational health from the perspective of those who exercise the activity. It is a movement that implies the deconstruction of a work model that divides classes and disregards the protagonism of the worker. The use of the presuppositions of ergology in research that seeks to transform the ambience of work, humanizing it may be a possibility for workers to co-manage their work.

KEYWORDS: Human Engineering, Work

1 | INTRODUÇÃO

A ergologia é uma abordagem pluridisciplinar que estuda o trabalho na sua micro dimensão “utilizando-se de uma “lupa” e tentando entendê-lo a partir da atividade concreta de quem trabalha; tem como ponto de partida a distinção entre trabalho prescrito e trabalho efetivamente realizado” (BORGES, 2004, p. 42). Reconhece que o trabalho é feito por um sujeito dotado de um corpo, com funcionamentos neuro-sensitivos e envolvido em conformações que ultrapassam a pessoa física. Estão inclusos no corpo o entorno social, o psíquico, o institucional, as normas, os valores, a relação com os tempos e com os homens (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008).

A ergologia propõe uma releitura das concepções sobre o trabalho, delimitando conceitos de ação e atividade, tendo por escopo, abordá-lo a partir da vivência daquele que trabalha, na tentativa de articular a relação estabelecida entre a pessoa e o meio. Para tanto, considera os saberes de disciplinas como a sociologia, a psicologia, a filosofia e, com uma estreita colaboração, a psicodinâmica. Trabalhar, sob a égide da ergologia, é atividade de seres humanos situados num tempo e num espaço, que ocorre no “acontecendo” da vida (BORGES, 2004).

A Ergologia entende que a atividade não constitui somente ação, mas uma solicitação permanente da singularidade de cada trabalhador que executa as renormalizações necessárias entre as normas antecedentes que se antecipou e o que a realidade de trabalho exige (Schwartz, 2007). Atividade, neste ponto de vista, implica debater as normas prescritas para realizá-la de outra forma, com o escopo de transformar o trabalho prescrito em real e permitir a economia corporal física e psíquica do trabalhador. Renormalizações são concebidas como

[...] as múltiplas gestões de variabilidades, de furos das normas, de tessitura de redes humanas, de canais de transmissão que toda situação de trabalho requeira, sem, no entanto, jamais antecipar o que elas serão, na medida em que essas renormalizações são portadas por seres e grupos humanos sempre singulares, em situações de trabalho, elas mesmas também sempre singulares (SCHWARTZ, 2011, p. 34).

Diante disso, toda atividade envolve ‘uso’; seja ‘uso de si por si’, ‘uso de si pelos outros’, e ‘uso do corpo-si’. O ‘uso de si’ refere-se ao sujeito sendo convocado em toda a sua subjetividade. O ‘uso de si pelo outro’ representa as condições históricas que são dadas e produzem subjetividade e, de certo modo, pressupõe que em toda a atividade de trabalho reinam normas que conformam relações de desigualdade, de subordinação e poder. E o ‘uso de si por si mesmo’ refere-se ao uso que cada um faz de si mesmo nas renormalizações singulares da atividade humana (BORGES, 2004; SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). O ‘corpo-si’ é o “árbitro no mais íntimo da atividade,

[...] que não é um ‘sujeito’ delimitado, definido, mas uma entidade enigmática que resiste às tentativas de ser objetivado” (SCHWARTZ, DUC e DURRIVE, 2010, p. 196).

Sob a prisma da ergologia, muitos trabalhadores encaram, no cotidiano de trabalho, alguns sofrimentos/‘dramáticos’, pois lidam com as variabilidades de um meio, muitas vezes infiel, com lacunas, ao mesmo tempo em que precisam decidir, arbitrar, buscar o equilíbrio admissível entre o ‘uso de si’ solicitado e o ‘uso de si’ admitido. Esse ‘uso de si’, não raramente, é determinado por escolhas que são arbitradas por valores de dimensões antagônicas.

Schwartz (1998, p.104) define a ‘dramática do uso de si’ como

Situação em que o indivíduo tem de fazer escolhas, ou seja, arbitrar entre valores diferentes e, às vezes, contraditórios. Uma *dramatique* é, portanto, o lugar de uma verdadeiro micro história, essencialmente inaparente na qual cada um se vê na obrigação de se escolher ou escolher orientar sua atividade de tal ou tal modo. Afirmar que a atividade de trabalho não é senão uma *dramatique* do uso de si significa ir de encontro à ideia de que o trabalho é, para a maioria dos trabalhadores, uma atividade simples de “execução”, que não envolve realmente sua pessoa.

Nesta perspectiva, para a saudável dinâmica do trabalho, a ergologia recomenda a gestão com pessoas, em vez de gestão de pessoas, a valorização do saber da experiência do sujeito que vivencia o trabalho, a união dos saberes prévios da equipe e a fusão com saberes científicos, construindo um novo modo de trabalhar, focado na cogestão de todos os sujeitos. Assim, para estudar o trabalho real, Schwartz propõe o Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DDTP), assim conformado: polo das disciplinas ou dos saberes disponíveis nas ciências; polo dos saberes constituídos na atividade e polo que prevê um ‘desconforto intelectual’ (uma espécie de incômodo frente aos saberes da experiência e os científicos), para que se possa progredir nos dois planos (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007).

Trata-se de uma dialética que possibilita espaços de problematização e aprendizagem mútua e tem como fundamento o compartilhamento do saber, reconhecendo o saber do outro e disponibilizando-se a aprender, ao ‘desconforto intelectual’.

Uma revisão da literatura alicerçada na ergologia, apontou o vazio das normatizações, do trabalho prescrito e o exercício do trabalho real da enfermagem, especialmente na tomada de decisões dos enfermeiros, frente a sua função de líder da equipe de enfermagem. As diferenças entre o trabalho real e o prescrito, apontaram para o número insuficiente de trabalhadores, a deficiência de materiais, os conflitos com usuários e outros trabalhadores, convocando o enfermeiro a produzir novos modos de agir. As mudanças nos saberes e a criação de novos, se dão pelo convívio com os usuários dos serviços de saúde e pela experiência advinda da prática; muitos desses conhecimentos não estão em livros, são aprendidos e reinventados no exercício da atividade (SANTOS; CAMPONOGARA, 2014).

A partir das concepções da ergologia, não se pode negligenciar a participação

dos trabalhadores nas reflexões para a construção de conhecimentos acerca da sua atividade. Neste sentido, a pesquisa alicerçada nesse referencial teórico-metodológico propõe uma espécie de produção colaborativa e o uso do DDTP pode ser uma estratégia. E, sendo a ergologia um referencial teórico metodológico que solicita a participação de quem trabalha, pode ser útil nas investigações em saúde do trabalhador, com vistas a melhorar a assistência e a segurança de quem cuida e de quem é cuidado.

O termo saúde do trabalhador refere-se a

um campo de saberes que visa compreender as reações entre o trabalho e o processo saúde/doença. Trata-se do conjunto de atividades que destina, através de ações de vigilância epidemiológica e sanitária, a promoção e proteção de saúde dos trabalhadores, assim como visa a recuperação e reabilitação dos trabalhadores submetidos ao risco e agravos das condições de trabalho, como o contexto de trabalho dos profissionais da área da saúde pública (BRASIL, 2001).

A relevância do uso dos pressupostos da ergologia nas pesquisas que tencionam transformar os ambientes de trabalho se dá pela possibilidade de protagonismo dos sujeitos. É necessária a atenção às concepções de quem vivencia a atividade, suas experiências, sua história, e as renormalizações advindas do cotidiano laboral.

O Objetivo deste ensaio é refletir sobre a ergologia como proposta epistemológica para investigações em saúde do trabalhador.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa, apropriada para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual, sem a necessidade da sistematização sobre as fontes de informação e a metodologia usadas para busca das referências, nem os critérios empregados na avaliação e seleção dos trabalhos. Constitui-se de uma apreciação da literatura divulgada em livros, artigos publicados em periódicos e na interpretação e análise crítica pessoal do autor. As revisões narrativas não necessitam ficar atreladas à metodologia usada para a busca das referências, nem aos critérios usados na avaliação e seleção dos trabalhos consultados (BERNARDO; NOBRE; JATENE, 2004; ROTHER, 2007, ELIAS et al., 2012).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do pressuposto de que desconsiderar a experiência do trabalhador é um discurso vazio, visto que o trabalho se dá enquanto a vida transcorre, mobilizando o corpo, a mente e o espírito do indivíduo e que, a tomada de decisões sobre o que é bom e o que não é no seu cotidiano, só podem ser legitimados a partir da discussão

coletiva com os saberes e com as vivências desses sujeitos, pretende-se com o relato de algumas investigações, aludir para a expressiva potência do referencial teórico metodológico apresentado no presente estudo para a área da pesquisa em saúde do trabalhador.

Com o objetivo de compreender a situação de trabalho, a partir dos conceitos, saberes e valores expressos e praticados por trabalhadores de enfermagem, para a gestão dos riscos ocupacionais, um estudo, alicerçado na ergologia (FONTANA; LAUTERT, 2013), utilizou o Dispositivo Dinâmico de Três Polos. Constituiu o Polo I, os saberes disciplinares da epidemiologia, saúde coletiva, legislações, entre outras, o Polo II, os imbricados na atividade dos trabalhadores relativos ao tema, para, no Polo III, fundirem-se os conhecimentos advindos das situações de trabalho com os da ciência para a formação de propostas de ambiência saudável, de prevenção de agravos ocupacionais, circunscrito por aprendizagens e ‘in-prendizagens’. A ‘in-prendizagem’ envolve uma forma de humildade diante da atividade de trabalho e implica o desnude da racionalidade intelectual, para, a partir do ético e do epistêmico, constituir o polo do mundo comum a construir (SCHWARTZ DURRIVE, 2007).

Em se tratando do trabalho de docentes, sob a perspectiva da ergologia muitos vivenciam, no cotidiano de seu trabalho, algumas ‘dramáticas’, pois suportam a constante variabilidade de um meio infiel, ao mesmo tempo em que precisam buscar o equilíbrio entre o ‘uso de si’ solicitado e o ‘uso de si’ consentido. O cotidiano deste trabalhador, muitas vezes, gera sofrimento e adoecimento, decorrentes do próprio processo do trabalho, tais como a pressão do tempo, decorrente das metas de produtividade, por excessivas demandas de cursos e atualizações; conflitos nas relações hierárquicas; ausência de autonomia decisória; dificuldades de contato com colegas durante a jornada de trabalho e, desvalorização e desrespeito por parte dos alunos, situações que geram significativas implicações na qualidade de vida e de trabalho deste profissional (FONTANA; PINHEIRO, 2010).

O “uso de si” é a manifestação do “si”, sendo este

[...] um sábio desconhecido, o desejo de saúde, o desejo de abrir no mundo cotidiano espaços onde ser norma instituinte, por pouco que se o deseje, que pode tornar possíveis as transferências de afetos e de símbolos entre heranças do desafio infantil e coerções, heranças e possíveis ofertas pelas atividades humanas em cada momento determinado da história; e de tal sorte que esta segunda ordem da realidade não seja simples repetição, mas um retrabalho com profundidade do primeiro (SCHWARTZ, 2000, p. 47).

Salienta-se a potência da ergologia na atividade docente. Oliveira e Franzói relatam uma experiência sobre uma pesquisa desenvolvida numa escola técnica pública por dois estudantes trabalhadores, provenientes de uma região da indústria fumageira, no interior do Rio Grande do Sul. O foco era a forma como se processava o diálogo entre os saberes escolares, ou “constituídos” e os saberes experiências dos alunos, ou “engajados”, por meio dos pressupostos da Ergologia, demonstrando o

uso do Dispositivo Dinâmico de Três Polos. O estudo apontou para a “possibilidade e a potencialidade concreta da escola e da formação promover, no seu cotidiano, o encontro e a dialética dos saberes da formação e os saberes da experiência para produzir, criar, fazer circular, difundir novos saberes. Com isso, os resultados também contribuíram para desconstruir a ideia da simples reprodução dos saberes formalizados” (OLIVEIRA e FRANZÓI, 2015, p. 334).

Estudo que buscou as manifestações de trabalhadores de uma unidade de uma Universidade quanto ao fenômeno do assédio moral na sua articulação com as práticas de gestão do trabalho, apontou que 38,5% dos participantes da pesquisa eram assediados, sendo que a maioria pelas chefias (51%) e por colegas de mesma hierarquia (21%). Homens e mulheres igualmente se declararam assediados. Foi possível averiguar a influência da cultura organizacional nas práticas de agressão verbal contra subordinados, colegas ou superiores, assim como a política de gestão. Diante disso, os autores ressaltam a gestão social e a ergogestão como alternativas possíveis para diagnosticar, prevenir e combater o assédio moral no trabalho e sugerem permitir que o trabalhador participe do processo de elaboração de tarefas e nas decisões, sob diálogo constante, respeitando-se o saber e a subjetividade do outro. A gestão social na perspectiva ergológica é sugerida na pesquisa. Na concepção de Ferreira (2018) a gestão social pode ocorrer em qualquer sistema social e envolve

[...]o processo gerencial dialógico onde a autoridade decisória é compartilhada entre os participantes da ação (ação que possa ocorrer em qualquer tipo de sistema social – público, privado ou de organizações não-governamentais). O adjetivo social qualificando o substantivo gestão será entendido como o espaço privilegiado de relações sociais onde todos têm o direito à fala, sem nenhum tipo de coação. (TENÓRIO, 2008, p.49, grifos do autor).

Bertoncini, Pires e Scherer (2011) ao analisarem a influência das condições de trabalho nas atividades das enfermeiras na Estratégia da Saúde da Família (ESF) e nas renormalizações que produzem, identificaram que a força de trabalho, em quantidade e qualidade, mostrou-se insuficiente para a realização das atividades atribuídas às enfermeiras na ESF e que, renormalizavam algumas normas. Entre outras cita-se que, para suprir a falta dos auxiliares administrativos e para atender a um conjunto de normas antecedentes, as enfermeiras utilizavam estratégias como designar o ACS para trabalhar dentro da unidade, substituindo o auxiliar administrativo, o que impedia o acompanhamento dos usuários pelo ACS. Para o déficit das equipes, delegava-se o trabalho com o grupo de gestantes aos estagiários de nutrição e o grupo de puericultura ficava sob a responsabilidade da auxiliar de enfermagem, restringindo as visitas domiciliares apenas para casos estritamente necessários, justificadas pela falta de tempo para desenvolver atividades. Estas renormalizações traziam prejuízos em outras ações prescritas. Por meio da pesquisa os autores consideraram que

a deterioração das condições de trabalho [...] produz consequências nefastas, dificultando o desenvolvimento de atividades em direção à produção da saúde/integralidade. Para as enfermeiras, a precarização do trabalho acarreta sobrecarga física e psíquica, desvio de função e pouca possibilidade de desenvolver o trabalho seguindo os parâmetros profissionais, como, por exemplo, deixando de usar a metodologia da Sistematização da Assistência de Enfermagem (p.170)”.

Uma pesquisa que integra a ergologia com a compreensão de biossegurança como processo educativo permitiu pensar sobre a superação das formas prescritivas de prevenção que culpabilizam trabalhadores e os tratam como sujeitos negligentes no caso de acidentes ocupacionais. Dessa forma, a abordagem tradicional da biossegurança implica numa prescrição direcionada basicamente para as normas de conduta individual e na utilização correta de equipamentos de proteção individual e coletiva, individualizando a análise do acidente, envolvendo o trabalho em torno da conscientização e treinamento dos trabalhadores para evitar o “ato inseguro”, perpetuando a culpa. Porém, ao invés de somente educar para a formação de posturas condizentes às normas técnicas, pode-se organizar momentos de integração dos trabalhadores, de espaços em que o trabalhador possa contribuir por meio da sua experiência. Da integração da ergologia com esta nova perspectiva de biossegurança, pode-se obter uma prática libertadora de educação, que irrompa sobre a pedagogia clássica de simples transmissão de informações.

É necessário, desse modo, buscar uma aprendizagem e uma elaboração conjunta de uma nova representação do trabalho, através de um enfoque participativo focalizado na formação de sujeitos que ultrapasse as modalidades tradicionais de difusão de informações, que pode ser bastante facilitado pela utilização do dispositivo ergológico de três polos (NEVES, 2008, p.372).

Com o objetivo de analisar as relações trabalho-saúde-doença implicadas na atividade de maçariqueiros em um estaleiro naval situado na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, por meio do embasamento teórico da ergologia, os autores observaram que, apesar de muitas pessoas possuírem cargos semelhantes, como no caso do estaleiro, que foi o foco da pesquisa, cada trabalhador tem características próprias que o diferenciam dos demais colegas ao seu redor. Assim, a pesquisa sob o alicerce da ergologia permitiu aos autores identificar, entre outros dados que “o trabalho do maçariqueiro não deve ser entendido de forma reducionista, como mera realização técnica, mas inserido no conjunto total da vida do trabalhador” (VINAGRE; CASTRO, 2017, p.183).

Ao analisar a atividade dos motoristas de ambulância do Serviço Móvel de Urgência (SAMU), na perspectiva ergológica, foi identificado que as principais dificuldades que os participantes vivenciavam, para realizarem seu trabalho, envolvia a forma da organização prescrita do trabalho no SAMU, a gestão temporal da atividade, o trânsito, a relação com os usuários e o risco de contrair doenças. Porém, atribuíram à possibilidade de salvarem vidas, ajudar outras pessoas em uma conjunção de

valores como solidariedade, confiança e cooperação, tanto aos socorridos quanto aos familiares, como o sentido positivo do trabalho. O coletivo de trabalho apoiava a permanência na profissão, apesar das frustrações. E, diante das variabilidades renormalizavam, faziam escolhas e combinações para além das atividades habituais. O estudo demonstrou, entre outras insatisfações desses trabalhadores, as críticas diante do imenso esforço realizado, os trotes, o trânsito e as viaturas inadequadas, ruins (DO MONTE PRIMO, ZAMBRONI-DE-SOUZA, 2015).

Por meio de uma pesquisa que utilizou como referencial teórico metodológico a ergologia e que buscou compreender as implicações da implementação do Processo Judicial Eletrônico na atividade e na qualificação de servidores da Justiça do Trabalho, foi possível identificar que a implementação de tecnologias deve ser avaliada a partir do ponto de vista de quem as utilizam. Custos pessoais e sociais originados da mudança, das demandas impostas aos trabalhadores, pela necessidade de novas capacitações foram observados. Os participantes da pesquisa referiram desconforto pela falta de consulta prévia e com o treinamento insuficiente para utilização da ferramenta e destacaram a sensação de aumento da demanda, relacionado ao alto envolvimento e comprometimento com o trabalho (FONSECA et al, 2018).

Investigação realizada sobre as vivências e repercussões da atividade de trabalho na saúde e no cotidiano de músicos profissionais, a partir do referencial teórico-metodológico da ergologia e da psicossociologia do trabalho, assinalou que na atividade de trabalho na música há constrangimentos pelas exigências da atividade, às cobranças por altos padrões de desempenho e ao mercado de trabalho, competitivo e predominantemente informal. Dor relacionada ao uso intensivo da musculatura foi referenciada pelos participantes como a principal causa da busca por atendimento de saúde. Também foram relatados cansaço físico e mental, sintomas psíquicos como cansaço mental, ansiedade e medo do palco e sacrifícios sociais e familiares, desconstruindo a visão de que a atividade do músico é somente glamorosa. Estes Trabalhadores são submetidos a exigências de perfeição, cobranças de professores, maestros ou de contratantes e, devido à cultura da excelência no meio musical, os músicos ambicionam difíceis padrões de performances e, mesmo reconhecendo a possibilidade de falhar, mostram-se angustiados com essa situação (LAGE; BARROS, 2017).

Conforme Schwartz e Echternacht (2007), “trabalhar é gerir-se em um meio circunscrito por normas de ordem técnica, organizacional, gerencial, em meio às estruturas produtivas que heterodeterminam os objetivos do trabalho humano”. Ao sugerir a ergologia como base teórica metodológica, não se trata de cogitar a possibilidade de negligenciar instrumentos e ferramentas gerenciais (HOLZ; BIANCO, 2014), de pesquisa ou de trabalho

Trata-se, pelo contrário, de seu retrabalho, em um uso sadio, contextualizado e reflexivo, considerando suas limitações ante a complexidade da atividade humana.

Tal consideração, quando levada a sério, pode abrir portas para o desenvolvimento e aprimoramento de instrumentos mais contextualizados, adequados e renovados, uma vez que é compromisso da Ergologia conhecer de perto o trabalho e, assim, postular problemas e elucidar soluções e melhoramentos (HOLZ; BIANCO, 2014, p.508).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ergologia reconhece o trabalho como uma atividade que mobiliza o humano por inteiro, portanto, não é uma mera ação. Reconhece ainda, que, em muitas situações, o trabalho real difere do prescrito, pelas lacunas existentes na sua organização e estrutura, levando o trabalhador a refazer as normas, numa tentativa de economia corporal para evitar sofrimento e adoecimento.

Assim, a ergologia, por ser um referencial teórico metodológico que promove a participação e cogestão de quem trabalha, pode ser útil nas investigações da área da saúde, com vistas a melhorar a qualidade do processo de cuidar, qualificar a saúde do trabalhador e intervir sobre as situações de trabalho, sobre a atividade, de modo a transformá-la.

A ergologia tem uma potência que muitos trabalhadores e pesquisadores desconhecem. Sugerem-se estudos, nesta perspectiva, sobre a atividade humana, sobre as condições de trabalho, sobre o protagonismo do trabalhador, sobre o ‘uso de si por si’ e o “uso de si pelos outros”, especialmente, a fim de que os resultados das pesquisas avancem para além do processo epistemológico e migrem para o cotidiano do trabalho, para “o chão da fábrica”, para o empoderamento e cogestão dos trabalhadores no processo, agregando valor não só ao trabalho, mas ao cidadão trabalhador.

REFERÊNCIAS

BERNARDO W.M.; NOBRE, M.R.C.; JATENE, F.B. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 50, n.1, p.1-9, 2004.

BORGES, M.E.S. Trabalho e gestão de si: para além dos “recursos humanos”. **Caderno de Psicologia Social e Trabalho**, 2004. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo>. Acesso em 20 jul 2017.

BERTONCINI, J.H.; PIRES, D.E.P.; SCHERER, M.D.A. Condições de trabalho e renormalizações nas atividades das enfermeiras na saúde da família. **Trab. educ. saúde** (Online), v. 9, supl. 1, p. 157-173, 2011. Doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462011000400008>.

DO MONTE PINTO, F.; ZAMBRONI-DE-SOUZA, P.C. A atividade de trabalho de motoristas de ambulância sob o ponto de vista ergológico. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, n.40, v.131, p.49-58, 2015.

DURAFFOURG, J.; DUC, M.; DURRIVE, L. **O trabalho e o ponto de vista da atividade**. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. 47-87

- ELIAS, C. S. et al. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. SMAD: **Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012
- LAGE, C.S.R.; BARROS, V.A. A gente só vê glamour: um estudo de psicologia do trabalho com músicos profissionais. **Rev. Psicol. Organ. Trab.**, v. 17, n. 2, p. 89-96, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.2.12742>.
- FERREIRA, J.M.S.; Gestão do trabalho e assédio moral em uma instituição pública de ensino superior. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2018 Disponível em <https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/03/ensino-superior.html>. Acesso em 20 set 2018
- FONTANA, R.T.; LAUTERT, L. The situation of nursing work and occupational risks from an ergological perspective. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.21, n. 6, p.1306-1313, 2013.
- FONTANA, R.T., PINHEIRO, D.A. Condições de saúde auto referidas de professores de uma universidade regional. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 31, n. 2, p. 270-6, 2010.
- FONSECA, F.F et al. Implicações de novas tecnologias na atividade e qualificação dos servidores: Processo Judicial Eletrônico e a Justiça do Trabalho. **Rev. bras. saúde ocup.**, v. 43, e4, 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000022616>.
- HOLZ, E.B.; BIANCO, M.F. Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. **Cad. EBAPE**, v. 12, n. spe, p. 494-512, Aug. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395191>
- NEVES, T.P. As contribuições da ergologia para a compreensão da biossegurança como processo educativo: perspectivas para a saúde ambiental e do trabalhador. **O Mundo da Saúde** São Paulo: 2008: jul/set 32(3):367-375
- OLIVEIRA, M. C. R.; FRANZOI, N. L. Educação Profissional, Trabalho E Produção de Saberes. **Revista Reflexão e Ação**, v. 23, n. 3, p. 315-337, Set./Dez. 2015
- SANTOS, T.; CAMPONOVARA, S. Um olhar sobre o trabalho de enfermagem e a ergologia. **Trabalho, Educação e Saúde**. v.12, n.1, p.149-163, 2014 . Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462014000100009>
- SCHWARTZ, Y., & ECHTERNACHT, E. H. O trabalho e a abordagem ergológica: “Usos dramáticos de si” no contexto de uma central de tele-atendimento ao cliente. **Informática na educação: Teoria e Prática**, v.10, n.2, 2007, p.10-24.
- SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. Glossário da ergologia. **Laboreal.**,v..IV, n.1, p.:23-8, 2008. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php>. Acesso em 20 jun 2018.
- _____. **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói: Ed UFF, 2007.
- SCHWARTZ, Y. Os Ingredientes da Competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação & Sociedade**. Campinas, ano XIX, nº 65, p. 101- 139. 1998.
- _____. Trabalho e uso de si. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 34-50, jul. 2000
- _____. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 19-45, 2011.
- SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE. **Trabalho e uso de si**. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.).

Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. 189-204 p.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x Revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.20, n.2, p.5-6, 2007.

TENÓRIO, F. G. Gestão social: uma perspectiva conceitual. **Revista de Administração Pública-RAP**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 5, p. 7-23, 1998.

SOBRE A ORGANIZADORA

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra - Enfermeira. Doutoranda em Obstetrícia - UNIFESP/UFC (DINTER). Mestre em Saúde Coletiva PPSAC/UECE. Especialização em Saúde Pública - UECE. Especialização em Enfermagem Obstétrica e Saúde da Mulher - 4 Saberes (em conclusão). Docente do Centro Universitário Estácio do Ceará e do Centro Universitário Pitágoras de Fortaleza

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-168-8

